

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 23

Filosofia 11.º ANO

Tema 4: O conhecimento e a racionalidade científica e tecnológica

Subtema 4: A dimensão estética. A criação artística e a obra de arte



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Iremos agora ocupar-nos do problema central da Filosofia da Arte: o problema da definição de arte. Este pode ser formulado da seguinte forma: “O que é a arte?”. O problema é relevante, porque não interagimos com as obras de arte do mesmo modo como fazemos com os objetos comuns. Assim, é importante encontrar um critério seguro para que possamos saber distinguir o que é a arte da não-arte.



O QUE VOU APRENDER?

- Caracterizar o conhecimento formulando explicitamente o problema filosófico da possibilidade de conhecimento, à luz da perspectiva empirista e racionalista, avaliando criticamente ambas as respostas ao problema filosófico em questão;
- Formular o problema da demarcação. Caracterizar a concepção indutivista da ciência e proceder à sua avaliação crítica. Caracterizar o falsificacionismo de Karl Popper e proceder à sua avaliação crítica;
- Formular o problema da objetividade da ciência, avaliando criticamente a posição de Popper. Descrever os diferentes momentos de desenvolvimento científico segundo Kuhn, clarificando as noções de paradigma, anomalia, crise científica e incomensurabilidade;
- **Formular o problema da definição de arte e explicitar a sua relevância filosófica, distinguindo a abordagem essencialista da abordagem não essencialista. Caracterizar as teorias da representacionista, expressivista, formalista, institucional e histórica de arte;**
- Formular o problema da definição da existência de Deus e explicitar a sua relevância filosófica, enunciando os argumentos cosmológico, teleológico (Tomás de Aquino) e Ontológico (Santo Anselmo) sobre a existência de Deus. Avaliar criticamente estes argumentos. Caracterizar criticamente a posição fideísta de Pascal e o argumento do mal de Leibniz.



COMO VOU APRENDER?

GTA 18: O problema da definição de arte

GTA 19: A teoria da arte como representação

GTA 20: A teoria da arte como expressão

GTA 21: A teoria da arte como forma

GTA 22: A teoria institucional

GTA 23: A teoria histórica

Tema 4: O conhecimento e a racionalidade científica e tecnológica**Subtema 4: A dimensão estética. A criação artística e a obra de arte****Análise e compreensão da experiência estética****GTA 23: A teoria histórica****Objetivos:**

- Avaliar a ideia de que a arte é definível.
- Identificar e classificar como não essencialistas diferentes posições sobre a definição de arte.
- Clarificar os conceitos nucleares, as teses e os argumentos da teoria histórica da arte.
- Analisar criticamente cada uma destas propostas de definição de arte.

Modalidade de trabalho: individual e/ou em pequeno grupo.

Recursos e materiais : Caderno diário, manual escolar e *internet*.

3. Teorias não-essencialistas da arte**3.2 A teoria histórica**

A teoria histórica foi proposta pelo filósofo norte-americano, Jerrold Levinson (nascido em 1948).

Levinson, que assume ter sido influenciado pela teoria institucional, defende que todas as obras de arte têm, pelo menos, uma característica comum e específica, sendo portanto possível definir arte, indicando as condições necessárias e suficientes para algo ser arte. No entanto, e a exemplo da teoria institucional, essa característica não é algo inerente às próprias obras, mas sim um aspeto contextual, daí tratar-se de uma teoria não-essencialista.

Para Levinson, o aspeto contextual determinante é o caráter histórico ou retrospectivo da arte, ou seja, todas as obras de arte se relacionam de modo intencional com obras anteriores. Para sublinhar a importância desse aspeto intencional, o próprio Levinson designa muitas vezes a sua teoria como **teoria histórico-intencional**, em vez de lhe chamar apenas teoria histórica, como se tornou comum.

«O que irei reter dessa teoria é a ideia crucial de que ser uma obra de arte não é uma propriedade intrínseca observável de algo, mas antes uma questão de estar relacionado do modo apropriado com a atividade e o pensamento humanos. Proponho que se conceba essa relação em termos da intenção de um indivíduo (ou indivíduos) independente(s) (...) em que a intenção faz referência (de modo transparente ou opaco) à história da arte (ao que a arte tem sido).»

Jerrold Levinson, *Investigações Estéticas – Ensaios de Filosofia da Arte*, «Definir Historicamente a Arte», Edições Afrontamento, Porto, 2020, p. 22



Segundo Levinson, um certo objeto é arte, na medida em que o seu autor quer que este seja encarado como o foram as obras de arte do passado e estas, por sua vez, são arte, porque os seus autores queriam que elas fossem encaradas como foram encaradas as obras de arte anteriores. Para este filósofo, essa intenção de inserir as obras numa tradição histórica é a única maneira de explicar a unidade e a continuidade da arte ao longo dos séculos, sendo que a mesma poderá ser explícita ou implícita, i.e., o próprio artista pode não estar completamente consciente dela. A «**historicidade essencial**» das obras de arte significa que os artistas, ao fazerem as suas obras, têm a intenção de inserir as suas criações numa certa tradição histórica, para que sejam encaradas de um modo similar ao modo como foram encaradas as criações artísticas anteriores. Contudo, a referência à arte do passado não significa que a arte atual tem de reproduzir os cânones preexistentes, ou até de se conformar a quaisquer critérios estéticos anteriores.

A definição proposta por Levinson pode formular-se do seguinte modo:

X é uma obra de arte se, e só se, X é um objeto acerca do qual uma pessoa (o artista), possuindo o direito de propriedade sobre X, tem ou teve a intenção séria de que seja encarado como as obras de arte anteriores foram encaradas.

3.2.1 Objeções à teoria histórica

Os artistas podem não ter o direito de propriedade sobre algumas obras (por exemplo *graffitis*) e, no entanto, estas serem obras de arte.

Outra objeção prende-se com a dificuldade em explicar a existência da primeira obra de arte. Certamente que houve, num determinado momento da história, algo que pôde ser chamado «primeira obra de arte». Mas a teoria histórica não consegue explicar satisfatoriamente esse facto, pois, se era a primeira, não havia obras anteriores para estabelecer uma relação de continuidade.

Outra objeção são as falsificações de obras de arte. Tomemos o exemplo das pinturas falsificadas. Estas revelam da parte dos seus autores a intenção séria de serem encaradas como as obras de arte anteriores foram encaradas. Os falsificadores esforçam-se para que as pessoas encarem as suas falsificações desse modo. Contudo, isso não as torna verdadeiras obras de arte, constituindo-se como contraexemplos à teoria histórica.

TAREFA 1

Após leitura atenta da informação anterior, **abre** o teu manual no problema da definição de obra de arte e, de seguida, **responde** ao seguinte desafio que colocamos:

1. Com base nos dados recolhidos no teu manual, **resume** no teu caderno as **principais características da teoria histórica da arte** e as **críticas/objeções** que lhe podem ser feitas.
2. Por que razão alguns filósofos afirmam que a teoria histórica da arte é demasiado inclusiva e demasiado restrita?



TAREFA 1

1.	Teoria não-essencialista	Tese principal	Principais ideias	Objecções
	Teoria histórica	É arte um objeto ou atividade cujo titular tem a intenção de que estes sejam encarados como o foram obras artísticas anteriores.	<p>É possível definir arte indicando as condições necessárias e suficientes para algo ser arte, mas estas não são inerentes às próprias obras e sim ao contexto – que é o caráter histórico da arte.</p> <p>Todas as obras de arte se relacionam de modo intencional com obras anteriores: um certo objeto é arte, na medida em que o seu autor pretende que este seja encarado como o foram as obras de arte do passado e estas, por sua vez, são arte, porque os seus autores queriam que elas fossem encaradas como foram encaradas as obras de arte anteriores.</p>	<p>Se algo é arte, caso seja visto como o eram as obras anteriores, é difícil explicar a existência da primeira obra de arte.</p> <p>Existem contraexemplos à teoria, nomeadamente alguns <i>graffitis</i> feitos em paredes que não pertenciam aos artistas (por isso, o direito de propriedade não é uma condição necessária para haver arte).</p>

2. Alguns filósofos afirmam que a teoria histórica da arte é demasiado inclusiva. Alegam para o efeito que, alguém pode criar um objeto com a intenção de que este seja encarado como as grandes obras do passado o eram, contudo, mesmo assim, não produzir uma obra de arte, pois aquilo que, no passado, se considerava ser uma forma correta de encarar as obras de arte deixou de fazer sentido por qualquer motivo. Relativamente à teoria histórica da arte ser demasiado restrita, deve-se ao facto de se exigir que se tenha direitos de propriedade sobre os meios de produção ou de utilização. Isto exclui arbitrariamente do conceito de arte várias obras realizadas, por exemplo, em fachadas de casas ou em carruagens de metro ou de comboio.



(Fachada de prédio – Obra realizada pelo artista português Vhils)



O QUE APRENDI?

És capaz de ...

- avaliar a ideia de que a arte é definível?
- identificar e classificar como não essencialistas diferentes posições sobre a definição de arte?
- clarificar os conceitos nucleares, as teses e os argumentos da teoria histórica da arte?
- analisar criticamente cada uma destas propostas de definição de arte?

Procura no teu manual escolar os exercícios resolvidos sobre o tema “**A teoria histórica**”. **Analisa-os** e **resolve-os** sozinho. Por fim, **compara** a tua resposta com a do manual e com as dos teus colegas.

Estuda, com um colega de turma, para consolidares a tua aprendizagem.



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

Visualiza a videoaula sobre “[Filosofia da Arte: teorias não essencialistas](#)”.

